

Paulo Freire presente: contribuições educacionais no desenvolvimento da região do vale do São Francisco¹

Francisco de Assis Silva²
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

O trabalho descreve a concepção de Educomunicação e a apresenta como um novo campo de intervenção social e desenvolvimento regional que tem expandido a sua atuação. Expõe os indicadores presentes em um processo educacional e evidencia um projeto de comunicação que contribuiu com o desenvolvimento regional do Vale do São Francisco que teve a contribuição de Paulo Freire e sua equipe de trabalho.

Palavras-chave: Educação; Comunicação; Educomunicação; Desenvolvimento Regional.

A Educomunicação como campo de intervenção social e desenvolvimento regional

O campo de prática e intervenção social denominado Educomunicação tem um alicerce histórico, construído antes de seu conceito ser ressemantizado pelo NCE/USP, em 1999. Segundo o professor Irmair de Oliveira Soares, em seu livro *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*:

A palavra educomunicação já tem história. Foi referendada por muitos gestores culturais, sob os auspícios da UNESCO, a partir dos anos de 1980, para designar uma prática genericamente definida na Europa como Mídia Education (educação para a recepção crítica dos meios de comunicação) (SOARES, 2011, p. 33).

Ainda sobre as práticas que envolvem processos comunicativos, que serviram de base para o estudo da interface entre comunicação e educação, Soares diz que:

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), e-mail: assis-francisco@bol.com.br.

Diferentemente do que ocorreu em outros continentes, o maior volume da prática deu-se, na América Latina, no contexto do movimento denominado “educação popular”, “comunicação popular”, “comunicação alternativa”, “comunicação popular e alternativa”, com a adoção de uma perspectiva dialética (SOARES, 2011, p. 34).

A necessidade de articulação das práticas e experiências dos processos comunicacionais desenvolvidos na América Latina em torno de um referencial teórico se deu a partir de uma pesquisa da USP:

Entre 1997 e 1999, o Núcleo de Comunicação e Educação da USP realizou uma pesquisa, com o fomento da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, junto a 176 especialistas de 12 países da América Latina, identificando a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social (SOARES, 2011, p.11).

As experiências e práticas levaram o NCE/USP a ressemantizar o conceito da educomunicação como um campo de interface entre a educação, em seu sentido mais amplo, e a comunicação, com seus vários processos, sempre buscando um diálogo entre esses dois campos, que, naturalmente, se cruzam. Sobre isso, diz Ismar Soares:

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que subjetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 2011, p.15).

A educomunicação está respaldada em contribuições de teóricos, que dão sustentação a tudo que se propõe nesse novo campo de intervenção social. Esses referenciais teóricos foram essenciais para a ressemantização do termo educomunicação.

A comunicação no contexto da educomunicação tem em Paulo Freire um dos seus pensadores. Para ele, segundo Aparici (2014, p.34), “no processo de comunicação, não há uma divisão entre emissores e receptores. Todos são sujeitos ativos no ato comunicativo”. Complementa Freire (1971, p. 67): “Comunicar é comunicar-se em torno de um significado significante. Dessa forma, na comunicação, não há sujeitos passivos”.

O entendimento de educação incorporado pela educomunicação está expresso nas ideias de Paulo Freire (1971, p.12), que “assinala que a educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outro senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo”.

Ainda sobre educação, Paulo Freire (1971, p. 69) diz que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Mario Kaplún (1998), ao falar das práticas sociais, oferece uma das suas contribuições teóricas ao relatar que

Identifica as práticas sociais de construção do conhecimento sob a ótica de uma visão processual geradora de sentidos. No campo dos discursos, passa a vigorar o apelo à “leitura crítica dos meios”, inicialmente de cunho ideológico, assumindo aos poucos uma abordagem mais dialética que põe ênfase não exatamente no conteúdo ou na forma, mas nas razões de uso do processo de recepção. Já na área da prática educativa, projeta-se o paradigma de um sistema participativo e autônomo que inclui todas as modalidades possíveis de comunicação dialógica. (KAPLÚN apud SOARES, 2009, p. 12-13).

A educomunicação tem como uma de suas características criar ecossistemas comunicativos. Para Martín-Barbero (2002),

O ecossistema comunicativo constitui, na verdade, o entorno que nos envolve, caracterizado por ser difuso e descentrado. Tal ecossistema é difuso porque é formado por uma mistura de linguagens e de saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos intrinsecamente interconectados; e descentrado porque os dispositivos midiáticos que o conformam vão além dos meios de que tradicionalmente vêm servindo à educação, a saber: escola e livros (MARTÍN-BARBERO, 2002, apud SOARES, 2011, p. 43).

Outra contribuição para o campo da educomunicação é o entendimento sobre a autonomia da palavra, que rompe com a restrição de um pensamento unilateral ou restrito, sendo para isso necessário:

Avançar na direção de uma determinada autonomia que possibilite instruir um campo para a palavra, uma palavra livre que libere o fluxo das representações, e pronuncie um mundo que não se apoie em nenhuma representação dada, senão em um sonho comum. Trata-se de

uma autonomia impossível fora de uma política que saiba que não existe sociedade autônoma sem mulheres e homens autônomos. (HUERGO apud SOARES, 2009, p. 18).

Esses são alguns dos autores que contribuem para alicerçar os pilares, que fundamentam o campo da educomunicação, dando a ele um lastro teórico que o fundamenta.

As discussões sobre educomunicação ganham amplitude e geram desdobramentos quando se busca refletir sobre os indicadores do processo educacional.

Os indicadores de um processo educacional

A educomunicação tem muitas fontes teóricas que alicerçam o seu conceito, trazendo uma fundamentação que esclarece as pretensões desse campo de estudo e interações na interface educação e comunicação.

O entendimento desses fundamentos conceituais, no entanto, pode ser complementado para aqueles que buscam a conceituação da educomunicação a partir dos indicadores desse campo de intervenção social e desenvolvimento regional.

Os indicadores são elementos que, ao se fazerem presentes, atestam que aquela atividade, ação ou projeto pode ser caracterizado como de cunho educacional, contribuindo, assim, para um maior cuidado na sua elaboração, desenvolvimento e avaliação.

Entre esses indicadores, destacamos: planejamento, ecossistema comunicativo, diálogo, participação, democracia, cidadania, pedagogia de projetos, gestão de processos, construção de conhecimento e transformação pessoal ou social, avaliação permanente.

A educomunicação é vista como uma ação intencional, auxiliada, entre outras coisas, pelo planejamento e pela avaliação, sendo que esses elementos aparecem como indicadores na conceituação ressemantizada estabelecida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, em 1999, quando designa educomunicação como sendo:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos com intencionalidade educativa, destinada a fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação (SOARES, 2009, p. 161-162).

O planejamento é uma atividade importante para a concretização da práxis educacional. No entanto, a ação de planejar precisa atender a uma lógica participativa e democrática. Ismar Soares esclarece que:

O planejamento é ascendente ou participativo quando leva à elaboração de planos, programas e projetos que, atendendo a necessidade e aos objetivos de comunidades, são desenhados com a observação de normas que facultam a intervenção dos próprios usuários ou beneficiários do produto final (SOARES, In: COSTA, 2009, p.47).

O ecossistema comunicativo é um importante indicador. Por isso, as ações devem ser desenvolvidas no chamado “ecossistema comunicativo”, já existente ou construído a partir da perspectiva de uma proposta educacional a ser concebida. O entendimento sobre o ecossistema comunicativo está, segundo afirma Soares,

Em torno do conceito que define o equilíbrio entre os elementos que constituem um determinado espaço físico e de convivência em permanente mutação, fato que nos permite entender a natureza relacional e dialética do convívio humano em determinado espaço. Assim, entendemos que, como meio físico, existem tanto sistemas áridos e fechados quanto sistemas abertos e ricos de vitalidade. Nesse sentido, as “pessoas em relação” numa escola, num centro de cultura, ou mesmo no espaço cibernético, se deparam com modelos de ecossistemas. Passam a conviver sob regras que se estabelecem, conformando uma dada cultura comunicativa. Todas as maneiras de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas constituem, em consequência, um tipo definido de ecossistema comunicativo (SOARES, 2009, p. 21).

Outro importante indicador que não pode deixar de estar presente em toda e qualquer ação educacional é o diálogo, que busca romper com a concepção que apresenta a comunicação em uma relação unilateral na qual se aproxima mais de um monólogo. Assim, mais um conceito coloca-se a serviço da educação no sentido expresso por Freire (1986, p.122-123) ao dizer:

Penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. (...) o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os homens se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem (FREIRE, 1986, p. 122 -123).

As práxis educomunicativas têm como um dos seus indicadores a participação, sendo essa um elemento imprescindível para que, de fato, possamos vivenciar a educomunicação de forma, que os envolvidos no ecossistema comunicativo sejam atores sociais em todas as fases do processo. Esclarece Heloísa Luck que:

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma forma de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir em torno da questão que lhe são afetadas (LUCK, 2007, p. 18-19).

No âmbito da educomunicação deve ser levado em consideração o processo democrático, que coloca os envolvidos em igual condição de participação, tendo como objetivo o bem comum, em especial no direito ao acesso à comunicação e sua gestão.

Democracia autêntica é aquela que os indivíduos, no respeito à dignidade de cada um e de todos, não são objetos dos que detêm o poder, mas co-participantes e co-responsáveis desse poder para um melhor desenvolvimento político e social da comunidade onde estão inseridos (JORGE, 1981, p. 12).

A educomunicação adota, como indicador, a cidadania, na concepção de que ser cidadão é ter, em suas mãos, a possibilidade de decidir sobre os seus destinos. Para Pedro Demo:

A cidadania é um processo histórico de conquista popular, através do qual a sociedade adquire progressivamente condições de torna-se sujeito histórico, consciente e organizado, com capacidade de conhecer e efetivar projetos próprios (DEMO, 1992, p. 17).

A opção pela utilização da “pedagogia de projetos”, no âmbito do desenvolvimento da educomunicação, justifica-se pelas possibilidades inovadoras que podem ser alcançadas nas práticas a partir de sua implementação, segundo Soares (2009, p.7), “permitindo que o novo (a experimentação das novas linguagens, acompanhada pelo rompimento das relações hierárquicas da distribuição do saber) convivesse com o antigo (a prática vigente de uma comunicação verticalizada tradicional)”.

A educomunicação trata da perspectiva da gestão comunicativa, colocando-a como um dos seus indicadores, buscando entendê-la como sendo, segundo Soares:

O domínio das ações que venham mobilizar comunicadores/educadores e comunicadores/educandos para o desenvolvimento de uma produção processual, aberta e rica da comunicação do interior dos próprios processos educativos e nas relações desses com o sistema de meios de comunicação e com a própria sociedade (SOARES, 2009, p. 42).

A ação educacional deve favorecer as mais diversas relações do homem com a realidade do mundo que o rodeia, de forma que seja possível a construção de conhecimentos a partir da assimilação desencadeada no contato com teorias e experiências práticas. Freire (1981, p.49), diz que:

A análise dessas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que esses produtos exercem sobre eles. Começa a aclarar, igualmente, o papel da prática na constituição do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas (FREIRE, 1981, p. 49).

A educomunicação possibilita a formação de pessoas para que estas contribuam na transformação pessoal e social, sendo esse um dos indicadores que deve estar sempre presente, pois, segundo Soares,

Trata-se de produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana, entre outros temas. Mudanças que levem em conta um contexto mundial globalizado e de velocidade acelerada, com enorme impacto sobre as estratégias de aprendizagem e de construção de conhecimento (LEVY, 1993 apud SOARES, 2011, p. 53).

A avaliação é um indicador que aparece na educomunicação com a característica de processo contínuo, devendo, portanto, estar presente em todos os momentos do desenvolvimento da práxis educacional. Dentro desse entendimento:

A avaliação consistirá em estabelecer uma comparação do que foi alcançado com o que se pretende atingir. Estaremos avaliando quando estivermos examinando o que queremos, o que estamos construindo e o que conseguimos, analisando a sua validade e eficiência (SANT'ANNA, 1995, p. 23).

Portanto, um caminho para o conhecimento de como na práxis da educomunicação efetiva-se passa pelo entendimento de seus indicadores, como elementos que facilitam um olhar mensurável de análise e avaliação sobre como se constitui o processo sem perder a sua essência teórica, que justifica as pertinências social e científica da sua existência e aplicabilidade.

Uma Política de Educação Popular à luz de Paulo Freire no vale do São Francisco

Dom José Rodrigues de Souza, na diocese de Juazeiro da Bahia, planejava e executava ações com o objetivo de desenvolver uma vida eclesial de luta junto de seus leigos. A iniciativa de prosseguir com uma política de educação popular, que já acontecia na diocese, de forma mais incisiva, foi mais uma de suas realizações que acabou por impactar o desenvolvimento regional do médio São Francisco.

Dessa forma, a partir de 1980, o bispo assumiu o compromisso de desenvolver um trabalho permanente de educação política, inclusive, com a ajuda de Paulo Freire, registrada em seus escritos

Em 1980, em Assembleia Diocesana, assumimos a “Educação Política”, permanente e não-partidária, como uma de nossas prioridades pastorais. Em 1981, publicamos a Cartilha Política: a luta de um povo”, que teve repercussão por todo o Brasil. Tendo Paulo Freire voltado do exílio em 1979, surgiu a ideia de trazê-lo à Diocese de Juazeiro para treinar monitores para a Educação Popular. Paulo Freire, que já ouvira falar da pastoral da Diocese, aceitou vir em 1983, passando uma semana conosco. Voltou, depois, em maio de 1984 e em abril de 1986 (RODRIGUES, 2002).

Todo esse processo, que culminou com a realização do Programa de educação popular, foi fruto de uma construção de entendimentos e negociações com os envolvidos, o que já demonstrava o posicionamento dialógico e democrático, que norteou toda a proposta.

Ainda em 1982, D. José formalizou o convite aos professores Paulo Freire e Ladislau Dowbor, envolvendo, também, a educadora Fátima Freire. Assim registrado:

Conforme entendimento, iniciados pessoalmente com o prof. Paulo Freire, em fim de outubro do corrente ano, e continuados com a presença de Fátima Freire, na Assembleia Geral Diocesana, de 19 a 21 de novembro [de 1982], venho convidar ao Prof. Paulo Freire e ao Prof. Ladislau Dowbor para os primeiros passos de treinamento de monitores, a partir de 16 de abril de 1983, quando retornarei de São Paulo, após a Assembleia dos Bispos, em Itaici – SP (RODRIGUES, 1982, p.1).

O clérigo escreveu sobre a vinda de Paulo Freire e sua esposa Elza Freire, em abril de 1983, para treinamento de 25 monitores para a Campanha de educação popular, tecendo algumas considerações:

A Diocese tem procurado enfrentar as situações numa “opção decidida pelos pobres”, procurando suscitar “Comunidades Eclesiais de Bases”, onde o povo se reúne para viver e celebrar sua Fé e ter força de reivindicar seus direitos. Depois de alguns anos chegamos a duas conclusões: a) Necessidade de melhorar a situação econômica do povo. Enquanto não melhorarem as condições de produção, de trabalho, o nosso povo não terá condições de se libertar; b) Necessidade da alfabetização para o povo poder aproveitar dos materiais escritos, preparados pela Diocese. Diante de tudo isso é que convidamos o prof. Paulo Freire e sua equipe para colaborar conosco numa Campanha de Educação Popular, em nível diocesano, que abrangesse não só a alfabetização, mas também a economia popular. É isso que o prof. Paulo Freire e sua esposa, dona Elza, começaram a fazer, neste treinamento (RODRIGUES, 1983, p.1).

Sobre a sua visita à região em uma entrevista na Rádio Juazeiro, concedida à jornalista Marta Luz, no dia 24 de abril de 1983, e publicada na *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos* (2014), transcrita por Joaquim Ribeiro de Araújo, Paulo Freire diz: “Eu só pediria que guardassem esse papo, porque acho que, no fundo, eu fico contente de saber que eu estou vivo, eu estarei vivo em Juazeiro, mesmo depois de morto, com essa voz que fica aqui” (ARAÚJO, 2014, p. 8).

No dia 25 de maio de 1984, o professor Paulo Freire fez a sua segunda visita à Diocese, para continuar a formação dos monitores, que colocaram em prática, por meio dos círculos de cultura, o projeto de educação popular, que já tinha segundo Rodrigues (1984), “11 Círculos de Cultura: 3 na periferia de Juazeiro e 8 no interior da Diocese”.

Nessa visita, professor Paulo Freire proferiu uma palestra para agentes de pastorais, registrada por Dom José, que cita, entre os pontos fortes da fala, a parte na qual Freire mostra a importância de se desenvolver um trabalho educacional, que também é formação política e social, ao expressar que,

O povo é proibido de saber como é oprimido e como criar coisa nova. Desnudar a realidade e aprender a ler a palavra e a escrever a palavra e ler a palavra. Leitura de mundo igual ao desnudamento da realidade. Revolução do mundo se faz pela leitura reta da palavra. O povo faz a revolução, toma a história nas mãos. Quando se lava as mãos diante do opressor, fica-se do lado do opressor (FREIRE apud RODRIGUES, 1984, p.1).

Em 1986, professor Paulo Freire voltou à Juazeiro para continuar a formação dos monitores da educação popular e participar de atividades planejadas pela equipe que conduzia os trabalhos na Diocese:

Desta vez, fez treinamento de monitores de Educação Popular, em Carnaíba, nos dias 18 e 19 de abril, distrito de Juazeiro da Bahia, onde fica o Centro de Formação da Diocese. No dia 19, esteve no Centro Catequético, na cidade de Juazeiro para proferir palestra para o povo, principalmente para professores e alunos. No dia 21, deu entrevistas, por telefone, a rádio Juazeiro, gravou um programa “Semeando a Verdade” e deu as últimas orientações as equipes de Educação Popular da Diocese (CAMINHAR JUNTOS, 1986, p. 1).

A posição diocesana de priorizar a educação popular como uma linha de ação pastoral, a partir das orientações de Paulo Freire, deixou as convicções de que “1. Educação é diálogo entre educador e educando; 2. Educação é um ato comunitário; 3. Educação não é uma etapa da vida, mas é um processo permanente; 4. Educação é um ato de liberdade e para a liberdade; 5. Educação se faz na ação e na reflexão” (RODRIGUES, 2002, p.1).

Além das convicções, a iniciativa de desenvolver uma política de educação com o envolvimento da Igreja deixou marcas, que podem ser vistas nos registros e na própria caminhada da Diocese. O Acervo Bibliográfico Dom José Rodrigues é parte do legado desse Projeto de educação popular, como descreve:

O que ficou da doutrina de Paulo Freire: modo democrático de dirigir a Diocese. Mais uma vez tenho ouvido de agentes pastorais: “o senhor nos dá liberdade para trabalhar”. Viva, pois, Paulo Freire! Com o estímulo de Paulo Freire, fui montando a Biblioteca da Diocesana, hoje com 45 mil volumes, onde está a obra completa de Paulo Freire e de seus discípulos: Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti (RODRIGUES, 2002, p.1).

A intensidade do trabalho de educação popular gerou repercussão em outras cúrias, e, em fevereiro de 1984, membros da Diocese de Petrópolis – RJ escreveram para a Diocese de Juazeiro expressando o interesse em conhecer a experiência:

Tomamos conhecimento através do boletim diocesano “Caminhar Juntos”, da Revista SEDOC e da Editora “Todos Irmãos” (SP), da experiência em andamento em sua diocese, de alfabetização de adultos de acordo com o Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos. Temos interesse de, neste ano de 1984, iniciar em âmbito paroquial uma caminhada neste sentido. Sabemos o quanto é valiosa essa vivência: de uma educação-conscientizada que procura valorizar a experiência de vida das pessoas que dela participam, que procuram eliminar a barreira educador educando, e que leva os educandos a, uma vez alfabetizados, serem aqueles que serão os alfabetizadores dos companheiros (MILAN, 1984, p.1) .

Ao falar sobre o trabalho desenvolvido durante décadas na Diocese, em 1984, D. José Rodrigues, ao responder ao padre Francisco Milan da Diocese de Petrópolis – RJ, diz que “a diocese de Juazeiro possui 11 círculos de cultura”. Em 1986, em carta a Beatriz Costa, da editora Nova, ao falar do recebimento dos cadernos de educação popular, cita a existência de dois núcleos de educação popular, sendo um deles já com 16 círculos de cultura. Em 1993, em carta ao Comitê Nobel Noruego, D. José Rodrigues diz que “a Diocese tem 30 círculos de cultura”. E o boletim “*Caminhar Juntos*”, de 1996, relata a existência de 33 círculos de cultura, com quase 600 alfabetizando.

Toda essa evolução demonstra a importância e a continuidade de um trabalho, que, de fato, consolidou-se como uma Política de educação popular desenvolvida a partir do apoio episcopal e das orientações do Professor Paulo Freire e sua equipe.

Dom José deu seguimento ao seu trabalho com o desenvolvimento de um Projeto de comunicação social no âmbito da Diocese.

Um Projeto de Comunicação como desdobramento das formações de Paulo Freire

Após o desenvolvimento da Política de educação popular, foi implantado na diocese o Projeto de comunicação, com a montagem da Pastoral das Comunicações Sociais, aproveitando a estrutura do SEDICA – Setor Diocesano de Comunicação e Audiovisuais, que passou a ser a própria PASCOS.

Esse outro passo tem início quando a diocese deu ao padre spiritano José Carlos de Oliveira, a missão de assumir a pastoral das comunicações e esse percebeu a necessidade de desenvolver um trabalho de comunicação popular de forma mais profissional. Para isso, ele conseguiu, junto ao bispo, a aprovação para montar uma equipe com profissionais da área da comunicação que pudessem ajudar a diocese de Juazeiro a desenvolver projetos de comunicação popular.

No início de suas atividades o SEDICA não constituía propriamente uma Pastoral, estava a serviço das Pastorais Sociais da Diocese para confecção de panfletos, boletins, gravação de programas de rádio, almoxarifado. Em 1991, passou por uma reformulação da equipe executiva e planejou seus trabalhos para a montagem da “Pastoral das Comunicações Sociais” na Diocese (CAMINHAR JUNTOS, 1995, p.14).

Para dar prosseguimento à organização da PASCOS, como a igreja não dispunha de profissionais o suficiente para atender à demanda de trabalho na área da comunicação, foi montada uma equipe de trabalho, assim composta: Moisés Almeida (coordenação e assessoria); Josenaldo Rodrigues (produção, apresentação e assessoria); Irmã Brígida Barbosa (produção, apresentação e assessoria); Adelmá Siqueira (auxiliar administrativa); Francisco de Assis e Ailton Nery (filmagens e edição).

Para o desenvolvimento dos trabalhos foi estabelecido pela Pastoral das Comunicações Sociais da Diocese como objetivo geral:

Dar vez e voz às camadas mais sofridas da sociedade: pescadores, assalariados, trabalhadores, mulheres e desempregados, através da participação destes, ativamente, nos diversos formatos de comunicação (programas de rádio, alto-falantes, vídeos e boletins), para que sejam veiculadas as denúncias de opressão, as reivindicações, os direitos sociais e a valorização às expressões culturais e a organização popular como instrumentos de luta e despertar do senso crítico (CAMINHAR JUNTOS, 1995, p. 14).

Em uma nova linha de ação pastoral, a comunicação popular teve um amplo campo de atuação dentro da Diocese, envolvendo as demais pastorais, as paróquias, o clérigo e os leigos engajados, principalmente os jovens, que foram os mais envolvidos nas principais ações, que a SEDICA desenvolveu, reforçando o trabalho da Política de educação popular, que era uma realidade.

Os objetivos específicos, que foram elencados pela Pastoral das Comunicações Sociais, mostrava, claramente, o caráter dialógico, participativo e democrático de como se dava todo esse trabalho, estando em sintonia com o que era orientado no desenvolvimento das ações de formação social e política, por meio da Política de educação popular, sob a orientação de teóricos como o professor Paulo Freire, Moacir Gadotti, Leonardo Boff, Fátima Freire, Elza Freire, Ladislau Dowbor e muitos outros. Dentro desse perfil, os objetivos específicos das PASCOM propunham:

Criar espaços de comunicação popular em Centros Comunitários e bairros de periferia e Igrejas das comunidades; Capacitar pessoas das comunidades para assumirem o trabalho como correspondentes populares nos diversos programas radiofônicos; Produzir e apresentar programas nas rádios locais, utilizando matérias enviadas pelos correspondentes populares e afins; Apoiar as diversas equipes de comunicação com informações e fontes de pesquisa a serem utilizadas em suas atividades; Produzir documentários sobre a realidade do povo do Vale do São Francisco, seus problemas, suas organizações e buscas de alternativas e sobrevivência; Assessorar e apoiar diversas equipes de comunicação, planejando, acompanhando e avaliando junto com eles os trabalhos realizados. (CAMINHAR JUNTOS, 1995, p. 14).

Nesse universo da pastoral das comunicações, destaca-se um forte trabalho de comunicação popular, em duas linhas de ação: A Rede de Correspondentes Populares e as Equipes Paróquias de Comunicação, que contribuíram para uma nova relação entre as pessoas, as entidades sociais e políticas.

Conclusão

Todo esse processo gerou um olhar mais crítico e politizado que mexeu com as estruturas sociais e políticas da região do médio São Francisco garantindo que a cidadania pudesse ser vivenciada e mudasse completamente os caminhos da vida do povo, que passou a ser o verdadeiro escritor de sua história e definidor do futuro que desejava trilhar.

O trabalho desenvolvido por Paulo Freire, em Juazeiro da Bahia, foi um divisor de águas na forma como se pensava o desenvolvimento regional de toda a região da diocese de Juazeiro, impactando as políticas públicas, as relações pessoais e sociais e a própria vida de todos que estavam envolvidos em todo o processo. Foi um trabalho precursor de educomunicação envolvendo uma política de educação popular e um projeto de comunicação social, que reflete e gera desdobramentos até os dias atuais pela forte referência deixada a luz das ideias de Paulo Freire.

Referências Bibliográficas

- APARICI, Roberto. **Educomunicação para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- ARAÚJO, Joaquim Ribeiro. **Sobre a entrevista de Paulo Freire e seus bastidores...** Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 2, nº 3, 2014.
- DEMO, Pedro. **Cidadania menor: algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DIOCESE DE JUAZEIRO DA BAHIA. **Boletim Informativo: Caminhar Juntos**. 1986; 1995.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FEIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 1986.
- JORGE, J. Simões. **Educação crítica e seu método**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- JUCÁ, Joselice. **CHESF: 35 anos de história**. Recife: CHESF, 1982.
- KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogia de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogia de la Comunicación**. Apud: SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação**. Texto para aula do concurso de titular, ECA-USP, 2009.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na área da informática. Apud SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

LUCK, Heloísa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Lá Educación desde la Comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

MILAN, Francisco. [Carta] 27/02/1984, Duque de Caxias – RJ [para] Diocese de Juazeiro – BA. Interesse em conhecer a experiências na alfabetização de adultos com o método Paulo Freire, em andamento na Diocese de Juazeiro – BA.

RODRIGUES, José. [Carta] 12/12/1982, Juazeiro –BA [para] FREIRE, Paulo e DOWBOR, Ladislau. São Paulo – SP. 1f. Convite para assessoria à Diocese de Juazeiro para um programa de “Educação Popular”, em nível diocesano.

RODRIGUES, José. [Declaração] 23/04/1983, Juazeiro – BA [para] FREIRE, Paulo e FREIRE, Elza. Sobre realização de treinamento de 25 monitores para a Campanha de “Educação Popular”, em nível de diocesano.

RODRIGUES, José. [Anotações] 25/05/1984, Juazeiro – BA [para] Programa de Rádio e Homilias. Sobre palestra de Paulo Freire aos agentes pastorais.

RODRIGUES, José. [Carta] 10/03/1984, Juazeiro – BA [para] MILAN, Francisco. Duque de Caxias – RJ. Resposta à carta sobre experiência em educação popular.

RODRIGUES, José. [Discurso] 25/04/1984, Itaici - SP [para] Assembleia dos Bispos do Brasil, realizada de 24/04/1984 a 04/05/1984, em Itaici – SP.

RODRIGUES, José. [Entrevista] 22/02/2002, Juazeiro-BA [para] Boletim Caminhar Juntos. Sobre a presença de Paulo Freire em Juazeiro.

SANT’ANNA, Ilza M. **Por que avaliar? Como avaliar?** Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação**. Texto para aula do concurso de titular, ECA-USP, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.